

# IMAGENS DE CONTROLE, RACISMO, SEXISMO E POBREZA: AUTODEFINIÇÃO, LUTA E RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS<sup>1</sup>

Lavínia Rodrigues de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

A representação das mulheres negras ainda está associada à subalternização, à subserviência e à hipersexualização (Collins, 2019). A partir desse pensamento, realizamos uma pesquisa com o objetivo de analisar a representação da mulher negra em revistas, jornais e em personagens de novelas e, para tanto, valemo-nos da abordagem dos conceitos de imagem de controle, discutidos por Collins (2019) e do pensamento de Gonzalez (2020). De acordo com Collins (2019), as imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana. A análise dos dados mostra que as imagens de controle solidificam matrizes de dominação, mas também ressaltamos como essas imagens podem ser interrompidas através da autodefinição de mulheres negras.

**Palavras-chave:** Negras - Brasil. Pobreza - Brasil. Racismo na imprensa - Brasil. Sexismo - Brasil.

## ABSTRACT

The representation of black women is still associated with subordination, subservience and hypersexualization (Collins, 2019). Based on this thought, we carried out a research with the objective of analyzing the representation of black women in magazines, newspapers and soap opera characters and, for that, we used the approach of the concepts of control image, discussed by Collins (2019) and the thinking of Gonzalez (2020). According to Collins (2019), images of control are designed to make racism, sexism, poverty and other forms of social injustice seem natural, normal and inevitable in everyday life. Data analysis shows that control images solidify matrices of domination, but we also highlight how these images can be interrupted through the self-definition of black women.

**Keywords:** Black woman - Brazil. Poverty - Brazil. Racism in the press - Brazil. Sexism - Brazil.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Unilab.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisadora brasileira Lélia Gonzalez aponta que, sobre as mulheres negras, incidem opressões múltiplas de gênero, raça e classe, e que, assim três noções de mulheres negras foram constituídas na sociedade brasileira: a mulata, a empregada doméstica e a mãe preta. Patricia Hill Collins, também entendendo que sobre as mulheres negras norte-americanas incidem opressões múltiplas, apresenta as imagens de controle que buscam não só regular o comportamento dessas mesmas mulheres, mas a forma como a sociedade irá lê-las, sendo essas: mammy, matriarca negra, a mãe dependente do Estado (welfare mother), e da jezebel/prostituta/hoochie (Collins, 2019). Isto posto, como um primeiro caminho teórico, este artigo busca apontar as proximidades das bases teóricas dessas duas intelectuais.

Imagens de controle se referem às ideias que são aplicadas às mulheres negras e que permitem que outras pessoas as enxerguem e as tratem de determinado jeito. Se as mulheres negras acreditam nessas imagens, elas internalizam esse comportamento e se portam de determinada forma. Ao longo da história, imagens de controle foram aplicadas às mulheres negras, por exemplo, a ideia de que elas são como mammies, mulheres destinadas a cuidar das pessoas e que gostam de servir outras pessoas; ou a ideia de que elas são sexualmente disponíveis, de que elas estariam “mamando nas tetas do Estado”, a questão de ser uma welfare mother<sup>3</sup> e que mulheres negras são destinadas exclusivamente para trabalhar. As imagens de controle mostram como ideias são centrais e como o poder e o controle funcionam.

Assim, pretende-se dialogar sobre a complexidade das imagens de controle e como elas se conectam com a forma como as mulheres negras se relacionam com o mundo e como são usadas para construir realidade e controle. O controle pode ser externo quando pessoas enxergam mulheres negras por meio dessas lentes das imagens de controle ou podem ser internos quando as mulheres negras chegam a acreditar nessas imagens sobre si mesmas, fazendo que se sintam diminuídas e menores do que todas as outras pessoas.

---

<sup>3</sup> Termo usado nos anos 70 para designar as mães e donas de casa que recebiam auxílio financeiro do governo norte americano.

As imagens de controle vão invocar ideias sobre os corpos, motivações, comportamento, aparências das mulheres negras e uma série de mobilizações e estereótipos relacionados a cabelo, tom de pele, marcas físicas de mulheres negras para suprimir a possibilidade de subjetivação e também das mulheres se entenderem quanto sujeito de direito.

As imagens de controle são muito conhecidas na mídia que tem uma relação e consolidação dessas imagens, como por exemplo, em personagens da literatura infantil e de novelas, propagandas e outros. Collins (2019) comenta que a mídia constrói as imagens de controle para indicar uma representação específica de gênero para pessoas negras. A figura de tia Anastácia<sup>4</sup> representa a Mammie e mostra o estereótipo de subordinação da mulher negra. A tia Anastácia, mulher preta e gorda atende a casa de maneira servil e entende que esse é seu papel. Seu trabalho mantém a estrutura de poder dos brancos. Ela é a única personagem mulher e negra da narrativa e sua narrativa está restrita a cozinha, costura e organização do espaço, mas jamais será valorizada nele. A mesma narrativa tem outro personagem negro (tio Barnabé), mas a relação de tia Anastácia com ele não tem reciprocidade.

Outra imagem de controle é a da matriarca. Essa imagem de controle tem uma relação da mulher negra forte que dá conta e se nega a reproduzir os padrões de fragilidade e subserviência perante as figuras masculinas. Essa imagem pode ser relacionada especialmente às retratações de mulheres periféricas na mídia, como por exemplo, a personagem de Preta, na novela da Cor do pecado, que é uma jovem mulher maranhense, criada pela mãe e nunca conheceu o pai. Apesar do passado triste, dá um jeito para sobreviver. Após um golpe, Preta decide criar sozinha o filho, apenas com a ajuda da mãe, sem procurar a família do ex-companheiro.

A Mãe Dependente do Estado (Welfare Mother) é uma imagem de controle invocada quando mulheres negras conseguem ter acesso a políticas de bem-estar social. Collins (2019) concebe essas imagens de controle no contexto estadunidense, mas Bueno (2020) transporta a imagem da Mãe Dependente do Estado para o contexto brasileiro, a partir das políticas de redistribuição de renda

---

<sup>4</sup> Tia Anastácia é a personagem de Monteiro Lobato que melhor exemplifica a presença da mammy na literatura brasileira. Mulher negra de pele retinta, gorda, cozinheira, sem uma vida própria, cuja narrativa está sempre associada aos padrões ou às crianças que cuida (BUENO, 2020).

formuladas nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), mais especificamente o Bolsa Família. No Brasil, a mãe dependente do Estado costuma ser composta por fotografias jornalísticas que focam na carência e na miséria.

A imagem da Hoochie Mama se aproxima muito da imagem de Jezebel e se preocupa em controlar a sexualidade de mulheres negras. O estereótipo de Jezebel foi, durante muitos anos, utilizado como justificativa para a exploração sexual de mulheres pretas. Jezebel é a mulher negra sexualmente insaciável, incontrolável, lasciva, lida até mesmo como uma predadora sexual. Esse estereótipo é utilizado para legitimar a desumanização das mulheres negras por conta da sexualidade. No Brasil, temos o estereótipo da “mulata”, que conversa com as imagens de controle referentes à sexualidade das mulheres negras e essa imagem de controle pode estar implícita ou explícita e com a representação de muitas “musas de escolas de samba”.

É importante refletir que a mídia de massa reproduz as ideologias necessárias para a manutenção das estruturas de segregação racial e as imagens de controle contém a substância das ideologias racistas na conformação de novas formas de racismo.

Segundo Collins (2019), as imagens de controle incidem sobre todos os grupos sociais, mas são sempre nocivas às mulheres negras, visto que esse grupo social está exposto a múltiplas opressões. Collins (2019) ainda aponta que as imagens de controle funcionam como um dos fatores para a existência das opressões vivenciadas pelas mulheres negras. Diante disso, essa pesquisa pretende saber como as imagens de controle influenciam as mulheres negras.

Imagens de controle podem ser histórias, mitos, ou outros. Os estereótipos, por exemplo, são resultados das imagens de controle para ditar a forma como a sociedade caracteriza essas mulheres negras e normatiza como elas devem se portar. Para Collins (2019), os estereótipos assumem um caráter especial pois servem como forma de fazer com que as injustiças sociais que recaem sobre esse grupo pareçam “naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p. 136). Assim, as imagens de controle são utilizadas como justificativa das opressões de raça, gênero e classe sobre essas mulheres; assim como uma forma de objetificar o grupo e manter “relações de superioridade e inferioridade” (COLLINS, 2019, p. 139).

O principal objetivo deste trabalho é analisar as imagens de controle em revistas, jornais e novelas. Para embasar essa discussão serão utilizados os conceitos das imagens de controle apontados por Collins (2019), entre outros conceitos que podem auxiliar nessa discussão como os de Lélia Gonzalez (2020).

## **2 AS IMAGENS DE CONTROLE E A MULHER NEGRA: LUTA E RESISTÊNCIA**

“A mulher negra é responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro.” (GONGALEZ, 2000). Segundo a autora e filósofa, os valores culturais negros foram passados de geração em geração pelas mulheres pretas e isso construiu as bases da sociedade que temos hoje.

É essencial entender as lutas e as dores que movem as mulheres negras e o feminismo negro. Nesta seção, serão apresentadas produções que refletem sobre o feminismo negro, mapeando as ideias tratadas por intelectuais e ativistas negras: Lélia Gonzalez, Angela Davis e Sueli Carneiro.

Dentre os vários textos emblemáticos, é urgente citar “Racismo e sexismo na cultura brasileira” de Gonzalez (2020), que nos faz pensar na insistente estratégia em colocar as mulheres negras, apenas como mulatas, domésticas e mães pretas na sociedade brasileira. O feminismo negro de Lélia serve para provocar, evidenciando falácias como a democracia racial e mostrar que não devemos tolerar a opressão.

A relevância das contribuições de Lélia para o pensamento social brasileiro acerca das relações raciais foi a desconstrução de um dos alicerces do discurso da democracia racial: a “harmonia” no intercuro sexual dos portugueses com as mulheres negras e também indígenas. Uma tradição, Lélia definiu como sendo

[...] o resultado da violentação das mulheres negras por parte da minoria branca dominante: os senhores de engenho, os traficantes de escravos etc. E este fato teria dado origem, na década de 30, à criação do mito que, até os dias de hoje, afirma ser o Brasil uma democracia racial. Gilberto Freyre, famoso historiador e sociólogo brasileiro, é seu principal articulador com sua “teoria” do “lusotropicalismo”. O efeito maior desse mito é a crença de que o racismo é inexistente em nosso país, graças ao processo de miscigenação. (GONZALEZ, 2020).

Gonzalez (2020) aponta que, sobre as mulheres negras, incidem opressões múltiplas de gênero, raça e classe e chama atenção a maneira como mulheres negras são excluídas dos textos e do discurso do movimento feminino brasileiro. Embora os textos tratem da dominação sexual, social e econômica, não atentam para o fato da opressão racial.

Gonzalez (2020) apresenta dois tipos de qualificação “profissional” para a mulher negra: a doméstica e a mulata. A palavra “mulata” não se refere apenas ao significado tradicional que consiste em filha mestiça de preto/a com branco/a, mas uma expressão “produto exportação”. A profissão mulata é exercida por jovens mulheres negras que se submetem à exposição de seus corpos para a apreciação de turistas e representantes da burguesia nacional. A mulher negra doméstica presta serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta.

Em ambas profissões, percebe-se a exploração da mulher negra enquanto objeto sexual. Como mulata, são exploradas e manipuladas em boates, restaurantes e hotéis. Como empregada doméstica, ainda existem empregadoras que contratam belas jovens negras com o objetivo de iniciar sexualmente seus filhos com elas.

Outra noção de mulher negra foi constituída na sociedade brasileira e tem sido explorada pela ideologia oficial como exemplo de integração e harmonia raciais, que supostamente existe no Brasil: a mãe preta, a mulher que cuida e educa os filhos de seus senhores.

Freitas (1978) apresenta a mulher negra em duas categorias: escrava do eito e mucama. A escrava do eito era a que estimula seus companheiros para a fuga ou a revolta; já a mucama, era a que acompanhava as senhoras e suas filhas em passeios e quem fazia os serviços caseiros de lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças na casa-grande. Além disso, tinha a obrigação de satisfazer sexualmente seu senhor branco, quando era solicitada.

Davis (2016) mostra a necessidade da não hierarquização das opressões, ou seja, o quanto é preciso considerar a intersecção de raça, classe e gênero para possibilitar um novo modelo de sociedade. Davis (2016) recupera as repercussões da sociedade escravagista, para compreender a sociedade capitalista atual em suas formas de dominação, exploração e apropriação da força de trabalho e da sexualidade. As repercussões da sociedade escravista também serviram para manutenção da subalternidade das mulheres negras até a atualidade, especialmente em relação ao trabalho doméstico, o racismo e o sexismo como bases de fundação

da sociedade capitalista. A autora busca esclarecer que na escravidão, apesar de a exploração da força de trabalho ser indistinta entre os sexos, as mulheres negras escravizadas eram submetidas ao trabalho doméstico e à exploração sexual pelos senhores e, até mesmo pelos feitores. Davis (2016) denuncia a desumanização da pessoa negra, a naturalização das práticas de violência e estupro, como forma de controle dos corpos e domínio da sexualidade, uma das táticas de reprodução de mão de obra escrava.

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens [...] A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 190).

Carneiro (2019) mostra que a mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais a opressão de gênero e a da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Discute-se a condição em que o racismo sistêmico e estrutural presente na sociedade brasileira, associado à questão de gênero, coloca a mulher negra em situação de maior vulnerabilidade social em relação a todos os estratos sociais, negando tanto a sua capacidade de resistência e luta quanto as possibilidades de realização de uma vida digna. Dessa forma, o feminismo negro é parte substantiva do reconhecimento de que a luta da mulher negra é distinta da luta da mulher branca, em face do quadro histórico da discriminação racial que demarca as possibilidades de vida dessa população.

O pensamento feminista negro ressalta a importância do conhecimento para o empoderamento; segundo Collins (2019) isso somente acontecerá com ênfase à autodefinição e à autodeterminação das mulheres negras diante das opressões interseccionais.

A forma de poder apontada por Patricia Hill Collins e ressaltada por Sueli Carneiro aborda a relação dialética que conecta opressão e ativismo, na qual grupos com mais poder oprimem grupos com menos poder. Collins (2019) pondera que essa relação entre opressão e ativismo é muito mais complexa, considerando uma segunda maneira de abordagem de poder que:

Considera não inerente aos grupos, e sim uma entidade intangível que circula em uma matriz particular de dominação, e com a qual os indivíduos se relacionam de formas variadas. Este tipo de abordagem enfatiza como a subjetividade individual enquadra as ações humanas em uma matriz de dominação. Os esforços das mulheres negras estadunidenses para lidar com os efeitos da dominação na vida cotidiana ficam evidentes nos espaços seguros que criamos para resistir à opressão, bem como em nossas lutas para estabelecer relações de amor plenamente humanas umas com as outras, com nossos filhos, pais e irmãos, bem como com indivíduos que não vêem valor nas mulheres negras. (COLLINS, 2019, p. 435).

Collins (2019) conduz à percepção de que à medida que as opressões são estabelecidas na vida das mulheres negras, essas devem, de forma urgente, desenvolver para si e para os seus, mecanismos seguros para vencer a dominação. Para isso, Collins (2019) destaca da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras como tema chave que permeia do pensamento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Já a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras.

### **3 COLETA DE DADOS, INTERPRETAÇÃO E RESULTADOS**

O trabalho se propõe a analisar e descrever, especificamente, a representação da mulher negra em revistas, jornais e novelas a partir dos conceitos de imagem de controle, discutidos por Collins (2019). A fim de demonstrar o alcance das reflexões a cerca das imagens de controle, realizamos a análise das figuras 1, 2, 3 e 4.



**Figura 1** - Matéria publicada no jornal correio 24 horas

## Só corpão! Veja fotos de musas das escolas de Samba de São Paulo

**Fizemos uma seleção das passistas que mais chamaram à atenção no Sambódromo do Anhembi**

Elas passam o ano inteiro em uma maratona de dietas, procedimentos estéticos e muita malhação para brilhar com figurinos minúsculos durante o Carnaval. Algumas são rainhas, outras madrinhas e também tem musas que ganham destaque à frente de alegorias. Fizemos uma seleção das passistas que mais chamaram à atenção no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo. Confira:

Fonte: Jornal Correio 24 horas de 09.02.2016.

O título e *lead* são os pontos observados e problematizados na figura 1. Observa-se na figura acima, que a mídia reproduz a imagem da passista a partir de fenótipos que conciliem características de corpos negros, exigências sobre o corpo e aprendizado e dedicação ao samba. As noções atribuídas aos corpos negros estão ligadas às relações de poder constituídas tanto no período escravocrata quanto no pós-abolição e a mídia de massa reproduz as ideologias necessárias para a manutenção das estruturas de poder.

**Figura 2** - Imagem da Globeleza 2014 Naiara Justino



Fonte: Extra Globo, 2014.

Na figura 2, é preciso observar como os estereótipos sobre as mulheres negras e as formas como os estereótipos que envolvem questões de gênero e raça se articulam na reprodução de imagens que os retroalimentam. O perfil ideal para Globeleza<sup>5</sup> é de mulheres negras, que se identificam com a música e a dança, além das exigências sobre o corpo que são tão importantes quanto o desempenho artístico. Esses são alguns critérios para a seleção da Globeleza. Essas referências dariam uma “autorização” à exposição da mulher negra, como se pode observar pela forma como a Globeleza é apresentada, ou seja, a nudez. Essa questão traz à tona que a sexualidade exacerbada da mulher negra expõe os artifícios mobilizados na construção e manutenção de dispositivos de poder, garantindo a objetificação de determinados corpos em detrimento de outros. Isso nos impõe um alerta a respeito das complexidades presentes nas festas de carnaval e nas encenações das mulheres negras, convidando-nos a refletir a respeito do direito ao corpo e à sexualidade, assim como dos estereótipos que enclausuram as mulheres negras a estarem submetidas a determinados perfis. A cor, a posição do corpo e a nudez são pontos a serem problematizados visto que essa imagem, assim como a figura 1, expõe uma narrativa sobre o carnaval reforçando estereótipos sobre as mulheres negras, percorrendo a racialidade, a sexualidade e as formas de ser mulher.

**Figura 3** - Imagem da personagem Dalva da novela da Rede Globo “O clone”



Fonte: Memória Globo.

<sup>5</sup> A Globeleza é uma personagem promovida pelo canal brasileiro de televisão Rede Globo no período de carnaval, durante a cobertura conhecida pelo nome de Carnaval Globeleza. A "Globeleza" surgiu no início da década de 1990 e consiste numa passista sambando nua com o corpo.

A figura 3 mostra uma representação da figura de mammy na novela brasileira - a personagem Dalva, interpretada pela atriz Neuza Borges. Dalva aparece logo nos primeiros capítulos trabalhando como governanta na casa do magnata Leônidas Ferraz (Reginaldo Faria). Após o falecimento da patroa, ela ajudou o patrão a terminar de criar os filhos gêmeos, Lucas (Murilo Benício) e Diogo (Murilo Benício) desde que nasceram. Sempre foi uma funcionária alegre, afetuosa, maternal, conhecida como a governanta que tem o maior coração do mundo e o amor de mãe. Depois de anos trabalhando para a família Ferraz, Dalva terá uma nova experiência, a de ajudar a criar os bebês que chegaram na família.

A figura da mammy é conhecida na mídia e constitui a representação da mulher negra que dedica todo o seu carinho ao branco. A história da mulher negra está diretamente relacionada aos dramas do personagem branco da narrativa, a quem aconselha, cuida e auxilia de forma abnegada e quase sempre sem nenhuma grande reciprocidade. (Bueno, 2020).

**Figura 4** - Imagem de família que recebe o Bolsa Família



Fonte: Estudos Nacionais (2019).

A figura 4 mostra uma mulher negra que conseguiu ter acesso a políticas públicas. Collins (2019) concebe a imagem da mãe dependente do estado (Welfare Mother) no contexto estadunidense, no entanto Bueno (2020) apresenta o contexto brasileiro a partir de políticas de redistribuição de renda, como o Programa Bolsa Família. É comum que essa representação descaracterize mulheres negras devido ao retrato da pobreza, pois focam na sua carência e miséria, apagando sua história.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do trabalho desenvolvido, foi possível depreender que desafiar as imagens de controle é um dos temas principais do pensamento feminista negro. As imagens de mulheres negras apresentadas indicam que precisamos discutir e questionar as relações de gênero, bem como as múltiplas opressões que passam as mulheres negras, que acontecem amparadas em discursos de poder, do carnaval, do samba e da erotização do corpo feminino negro.

As ideologias racistas e sexistas compartilham uma característica em comum quando trata grupos dominados como objetos aos quais faltam plena subjetividade humana. Por exemplo, ao enxergar as mulheres negras como “mulata tipo exportação” e empregadas domésticas, percebe-se uma objetificação. São imagens que não transmitem uma visão humana da mulher negra e, portanto se torna passível de dominação de raça e gênero.

A autodefinição e à autodeterminação das mulheres negras apresentada por Collins (2019) são significativas e diz respeito à importância em permitir que mulheres diante das opressões interseccionais a rejeitem. Percebe-se um dano à autoestima de mulheres negras causado pelo controle e às imagens controladoras. Visto por esse aspecto, a autodefinição e a autoavaliação são necessárias para a sobrevivência da mulher negra.

Em suma, por meio da presente pesquisa, pudemos perceber que a representação das mulheres negras ainda está associada à subalternização, à subserviência e à hipersexualização.

### Referências

ABDO, Camila. Bolsa família: hoje as famílias começam a receber o 13°. **Estudos Nacionais**, 2019. Disponível em <http://estudosnacionais.com>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n. 1, p. 99-127. janeiro/abril 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORLIN, Elsa. Revolução do feminismo negro! **Revista Artemis**, v. 27, n. 1, p. 63-88, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GLOBO. Memória Globo, 1999. O memória Globo se dedica a resgatar e contar a história do Grupo Globo. Disponível em: <https://www.memoriaglobo.globo.com>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SÁ, Michael. Globeleza Nayara Justino entra em depressão e diz sofrer racismo de internautas, após saber que vai perder o posto. **Jornal Extra Globo**, 2014. Disponível em <https://www.extraglobo.com>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SÓ corpão! Veja fotos de musas das escolas de Samba de São Paulo. **Jornal Correio 24 horas**, 2016. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br>. Acesso em: 01 dez. 2021.